

SET 2026

INSIGHTS

A crise na fronteira de Ceuta aponta a migração como "arma" contra a União Europeia

ELABORADO POR
Matilde Rosina

TRADUÇÃO REVISADA POR
Filipe Prado Macedo da Silva



A crise na fronteira de Ceuta aponta a migração como “arma” contra a União Europeia¹

Matilde Rosina*

Bastou uma única noite em Ceuta para interromper um verão até então relativamente tranquilo na fronteira sul da Europa. Entre os dias 30 e 31 de julho, mais de **70 mil** pessoas cruzaram a fronteira entre o Marrocos e o enclave espanhol, a maioria delas pelo mar, contornando a nado as cercas fronteiriças fortemente vigiadas.

Para efeito de comparação, no auge da crise migratória de 2015–2016, a Itália recebeu mais de **180 mil** migrantes irregulares ao longo de um ano inteiro. O número registrado em Ceuta correspondeu, deste modo, a aproximadamente um terço do total do ano de maior fluxo migratório para a Itália, concentrado em um único dia.

Desde então, a maioria das pessoas que atravessou a fronteira **retornou ao Marrocos**. No entanto, o episódio já se transformou em uma crise política que envolve toda a União Europeia (UE). Ao final daquele dia, a Itália havia **suspendido a aplicação do acordo de livre circulação de Schengen** em relação à Espanha.

Essa decisão foi essencialmente política, mas também pouco prudente. Ela ignorou o fato de que a maioria das pessoas que atravessou a fronteira em Ceuta tem pouco interesse em seguir para a Itália. Além disso, justamente no momento em que entram em vigor as novas regras migratórias da UE, que estabelecem a “**solidariedade flexível**”, a decisão cria um precedente para que os Estados-membros deixem de apoiar os países situados na linha de frente – inclusive a própria Itália – quando estes voltarem a enfrentar pressões migratórias.

Quem é responsável pelo que aconteceu em Ceuta?

O primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, atribuiu o fluxo migratório repentino a **redes internacionais de contrabandistas**, que teriam explorado uma decisão recente da Suprema Corte espanhola que impede as autoridades de devolver sumariamente os migrantes que forem interceptados no mar.

Políticos e comentaristas de direita, por sua vez, apontaram para a recente **anistia** dada pela Espanha a quase um milhão de pessoas. Estudos acadêmicos, contudo, são **céticos** quanto à ideia de que políticas desse tipo funcionem como fatores de atração para os migrantes.

De qualquer maneira, uma travessia dessa magnitude dificilmente teria sido possível sem a cooperação de Marrocos. Surgiram relatos de que **autoridades marroquinas permitiram a passagem de pessoas** em pontos nos quais, apenas um dia antes, elas estavam sendo impedidas de prosseguir.

O governo marroquino não emitiu uma declaração oficial, mas a mensagem parece clara: as autoridades do país podem permitir ou impedir a passagem de pessoas pela fronteira, em grande medida, conforme sua própria conveniência. É isso que estudiosos denominam como “**instrumentalização**” ou “**uso da migração como arma**”.

Neste caso, a situação provavelmente está relacionada à divergência política em torno do Saara Ocidental, antiga colônia espanhola anexada pelo Marrocos na década de 1970.

Dias antes da travessia em massa na fronteira, Sánchez havia visitado a Argélia, onde foi discutida a controversa questão da [independência do Saara Ocidental](#). A sinalização de que a Espanha busca estreitar suas relações com a Argélia, que apoia a Frente Polisário, movimento favorável à independência do Saara Ocidental, é vista como uma ameaça à reivindicação marroquina sobre a região.

Isso remete a 2021, quando [Marrocos adotou medidas contra a Espanha](#) em razão da decisão espanhola de permitir que um líder independentista do Saara Ocidental recebesse tratamento contra a COVID-19 no país. Dias depois, cerca de 8 mil pessoas atravessaram a fronteira e entraram em Ceuta.

Essa tática possui diversos antecedentes na Europa. Em 2020, o presidente da Turquia, Recep Erdoğan, advertiu que a UE “[pagaria o preço](#)” por não ampliar a ajuda financeira e o apoio às operações militares turcas na Síria. Em poucos dias, cerca de 13 mil pessoas tentaram entrar na Grécia atravessando o rio Evros.

Uma década antes, o então líder da Líbia, Muammar Gaddafi, advertiu que a Europa iria “[se transformar na África](#)” caso a UE não pagasse bilhões de euros ao seu país, demonstrando como a migração pode ser utilizada como instrumento de pressão para alcançar outros objetivos políticos.

Rotas migratórias no Mediterrâneo

Para além deste último aumento repentino, o número total de travessias pelo Mediterrâneo é, na realidade, [comparativamente baixo](#). Entre janeiro e junho de 2026, aproximadamente 49 mil pessoas atravessaram irregularmente as fronteiras externas da UE, uma redução de 37% em comparação com o mesmo período do ano anterior.

Essa queda dá continuidade a uma tendência observada há vários anos: em 2025, foram registradas 178 mil travessias, número que já representava o [menor nível desde 2021](#) e só uma fração dos níveis registrados em 2015.

Entre as três principais rotas marítimas utilizadas por migrantes que se deslocam da África para a Europa, as rotas do Mediterrâneo Oriental, em direção à Grécia, e do Mediterrâneo Central, em direção à Itália, continuam sendo as mais movimentadas. Juntas, essas rotas representaram mais de 60% das detecções: respectivamente, 16.643 e 14.340 no primeiro semestre de 2026.

A rota do Mediterrâneo Ocidental, em direção à Espanha, foi a única com crescimento neste ano, aumentando 17%, com cerca de 7.860 chegadas. Esse avanço foi impulsionado, principalmente, pelo aumento das partidas da Argélia em direção às Ilhas Baleares. O reforço dos controles em Marrocos e nas rotas da África Ocidental e do Mediterrâneo Central [levou as redes de contrabandistas para o litoral argelino](#).

A redução mais ampla dos fluxos também reflete a melhora das condições na Síria: em toda a Europa, os [pedidos de asilo apresentados por sírios diminuíram](#) de quase 360 mil, em 2015, para menos de 40 mil, em 2025.

Essa tendência também foi influenciada pelo aumento da cooperação entre os países da UE e os países de origem e trânsito dos migrantes, incluindo os acordos entre a UE e a Turquia, em 2016; entre a Itália e a Líbia, em 2017; e acordos mais recentes entre a UE e a [Mauritânia](#), o [Egito](#) e o [Senegal](#).



Tal redução, contudo, não tornou as viagens mais seguras. Somente em 2026, pelo menos **1.545 pessoas** foram registradas como desaparecidas ou morreram ao tentar atravessar irregularmente o Mediterrâneo.

O que determina para onde as pessoas vão

Três fatores tendem a influenciar a escolha dos países de destino pelos migrantes. O primeiro, e geralmente o mais decisivo, é a disponibilidade e a natureza das **oportunidades econômicas**, como as possibilidades de emprego e os níveis salariais, seja no mercado de trabalho formal, seja na **economia informal**.

O segundo fator são as **conexões sociais**: ou seja, a presença de familiares, amigos ou de uma comunidade mais ampla da diáspora. Essas conexões funcionam como uma rede de proteção, oferecendo um abrigo e contatos para conseguir um trabalho, além de ajudar os recém-chegados a lidar com a burocracia – fatores que reduzem os custos práticos da chegada e da integração.

O terceiro fator é o **idioma** e os **laços culturais**. Isso ajuda a explicar por que migrantes francófonos frequentemente se dirigem à França, enquanto migrantes anglófonos tendem a buscar o Reino Unido.

Além desses três fatores, há ainda um componente considerável de acaso e **coincidência**. Muitos migrantes partem sem um destino definido. Assim, o local que pretendem alcançar frequentemente muda durante a viagem, influenciado por encontros com contrabandistas, alterações nas condições das fronteiras ou informações transmitidas por outros viajantes.

Em resposta aos acontecimentos em Ceuta, líderes políticos defenderam **novas medidas restritivas**. No entanto, a própria lógica do espaço Schengen – uma Europa sem controles nas fronteiras internas – significa que o local por onde uma pessoa entra inicialmente é, em grande medida, irrelevante.

Nesse sentido, as fronteiras se comportam como balões. Quando se aperta uma parte, o ar não desaparece; ele simplesmente se desloca e cria uma saliência em outro ponto.

A fronteira do Mediterrâneo funciona da mesma maneira. O fluxo de pessoas pode ser deslocado de um ponto de entrada para outro – da Itália e da Grécia para a Espanha, ou das Ilhas Canárias para Ceuta. Todavia, considerando as evidências da última década, não se trata de um fenômeno que possa simplesmente desaparecer.

¹ Este artigo foi originalmente publicado, em inglês, no *The Conversation*. Tradução revisada por Filipe Prado Macedo da Silva (Líder do “**Conexão Bruxelas** | Grupo de Estudo sobre Europa e União Europeia”).

* Professora Assistente de Relações Internacionais da *Brunel University of London* (Reino Unido).